



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

DIALOGANDO COM AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE RIO BRANCO: NAS VOZES DOS ALUNOS

Alexandra da Silva Gonçalves¹

Enilson da Silva Gonçalves²

Susana Aparecida Ferreira³

RESUMO

A escola não tem como superar o racismo de um momento para outro, como bem afirma Cavalleiro (2002). Ao passo que é necessário compreender os problemas sociais existentes, seja na representação cultural ou étnica. Nessa questão, a escola tem o papel de dialogar e mediar tal processo. Dessa maneira, o presente estudo trata de um diálogo com as questões étnico-raciais em todas as escolas do Ensino Fundamental II de Rio Branco, nas quais as discussões levantadas durante o desenvolvimento desta pesquisa serão analisadas a partir da perspectiva dos alunos dos 5º aos 9º anos. Dialogando com autores que tratam sobre as questões raciais como, Cavalleiro (2001), que traz questões sobre o ambiente escolar, Munanga (2005), que apresenta conceitos sobre raça, etnia e outros e Gomes (2005), com um histórico da educação étnico – racial, entre outros. A relevância desse trabalho está na possibilidade de discutir as relações étnico-raciais no ambiente escolar, entender o que já está sendo feito, o que não está e o que ainda é possível fazer, ainda, o que pode ser aperfeiçoado. O objetivo proposto neste estudo consiste em analisar como se dão as relações étnico-raciais em sala de aula a partir da análise de questionários aplicados pelo Observatório da Discriminação Racial do Acre. A partir de tal objetivo, intentamos responder as seguintes perguntas de pesquisa: quem são os alunos; a educação para as relações étnico-raciais: vozes dos alunos; alguns fatores que contribuem para a manutenção do racismo em sala de aula. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo do tipo explicativa (GILL, 2002), com abordagem quantitativa e qualitativa. Esta pesquisa parte das ações do Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC com da capacitação de pesquisadores, pesquisa de campo e análise dos dados coletados, nas Escolas do Ensino Fundamental II de Rio Branco, uma vez que segundo Gil (2008), é necessário que se conheça a realidade, para o das coisas. Espera-se com este estudo, divulgar as pesquisas realizadas pelo Observatório, bem como conhecer de que maneira algumas políticas de promoção da igualdade racial estão

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em História, Ufac, 8º Período. Pesquisadora no Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC. E-mail: alexandrasilva.es@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Filosofia, Ufac, 5º Período. E-mail: enilsonsilva.es@gmail.com

³ Prof.^a Dr.^a na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS em Campus Realeza/ PR.

E-mail: su.aparecida.ferreira@gmail.com





Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

sendo trabalhadas nas escolas, como forma de promoção da igualdade racial e combate ao racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Questões étnico-raciais. Escolas do Ensino Fundamental II. Vozes dos alunos. Observatório de Discriminação Racial.

1. INTRODUÇÃO

Trazer para o ambiente escolar a educação das relações Étnico-raciais vai além do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, estas são apenas formas de se alcançar um objetivo maior, como por exemplo fazer com que um aluno se reconheça negro, sem ter vergonha de assumir sua identidade, religião, cultura ou ainda traços negroides. Entende-se a partir de referências importantes que discutem a temática racial, como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gome e outros, que os *ensinos étnico-raciais*, quando aplicados de forma correta geram igualdade e minimizam os efeitos reproduzidos por anos pela sociedade que inferiorizam o homem negro.

Embora a sociedade brasileira seja historicamente racista (Gomes 2005), é possível notar que muitos dos discursos sociais estão impregnados da negação deste fato, pois em uma sociedade onde o racismo se manifesta de forma mascarada é mais fácil perceber o racismo no outro, do que no indivíduo a quem corresponde. Podemos ainda, analisar esse fato a partir da obra Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire (2006), que traz implicitamente a ideia de uma democracia racial, o termo é utilizado por alguns escritores para descrever as relações étnico-raciais no Brasil de forma a sugerir uma igualdade, onde não há racismo contra cor ou etnia, defendendo que a escravidão que ocorreu no Brasil não foi tão ruim como muitos pensam, pelo contrário, ela foi branda. Tal mito de democracia racial marcou a década na obra de Freire foi escrita, em 1933 e perdura até nossa atualidade. Daí a importância de refutar tal afirmação, e trazer para os alunos a importância de estudos sobre a África para a formação da sociedade brasileira, socialmente, culturalmente e economicamente.

Trazendo tais reflexões para a área educacional, trazemos reflexões de pesquisadores como Munanga (2005), Silva (2007) Cavalleiro (2001) e Gomes (2005), que tratam de forma clara e objetiva sobre as relações étnico-raciais na escola e sociedade,



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

demonstrando a importância em dialogar com pesquisadores do assunto para que tenhamos base teórica que fundamente a proposta deste estudo. A partir dessas discussões, objetivamos com este trabalho identificar nas escolas do Ensino Fundamental II do município de Rio Branco, nas vozes dos alunos como se dá a educação étnico-racial no ambiente escolar como forma de promoção da igualdade racial e combate ao racismo.

A metodologia de pesquisa utilizada para esse trabalho foi uma pesquisa de campo do tipo explicativa, com uma abordagem quantitativa para subsidiar uma análise qualitativa, ao passo que a partir dos dados colhidos pudemos realizar interpretações que foram baseadas na voz dos alunos. Para Gil (2008) a pesquisa explicativa consiste em identificar as razões que são determinantes ou que colaboram para o acontecimento de certos acontecimentos. Esta pode ser definida como o tipo de pesquisa que mais demanda conhecimento da realidade, porque explica a razão, o motivo das coisas. A partir de tal metodologia, apontamos três perguntas de pesquisa a serem respondidas nas análises, são elas: quem são os alunos; a educação para as relações étnico-raciais: vozes dos alunos; alguns fatores que contribuem para a manutenção do racismo em sala de aula.

A disposição teórica do presente trabalho está posta em três seções, onde na seção um explicitaremos o que é o Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre - ODR/AC, na seção dois, alguns apontamentos sobre a educação étnico-racial, na seção três a análise dos dados coletados. Espera-se com este estudo, divulgar as pesquisas realizadas pelo ODR/AC, e esclarecer como algumas políticas de promoção da igualdade racial estão sendo trabalhadas nas escolas, como forma de promoção da igualdade racial e combate ao racismo.

Como método de divulgação, este artigo, realizado por pesquisadores do Observatório deve ser publicado no blog e revista, próprios do Observatório, bem como sua apresentação em forma de banner ou comunicação oral em seminários, e/ou outros tipos, a fim de tornar público o trabalho realizado pelo ODR/AC.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

2. OBSERVATÓRIO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO ESTADO DO ACRE - ODR/AC

Dialogando com as questões étnico-raciais nas Escolas do Ensino Fundamental II de Rio Branco: nas vozes dos alunos é fruto das pesquisas realizadas pelo Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC em todas as escolas de Rio Branco. O Observatório foi idealizado a partir de uma iniciativa conjunta dos representantes institucionais que compõem o Fórum Permanente de Educação Étnico-Racial – FPEEP/AC, onde os mesmos uniram forças para pensar uma forma de identificar atos de discriminação racial nos vários setores da sociedade, que compreende desde a educação, saúde, instituições públicas e privadas e outros espaços sociais. Executado pela Universidade Federal do Acre – Ufac como projeto de pesquisa, desde 2016, o ODR/AC realiza a criação de compêndios estatísticos sobre a discriminação sofrida pela população negra no Estado do Acre, bem como as realizações desse grupo, além de monitorar as políticas de promoção da igualdade racial do Acre. A seguir, traremos algumas reflexões acerca das relações étnico-raciais.

3. EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Segundo Munanga (2005), as questões relacionadas à África e sua contribuição para a história humana é resultado de toda uma construção histórica europeia, esta questão é a maior contribuinte para a afirmação e continuidade, que, consciente ou inconscientemente, os convencionalismos referentes ao negro prevalecem em nossa sociedade, marcando-a assim com a ideologia do racismo e com a crença no mito da democracia racial, para mascarar as desigualdades e racismo praticados por muitas pessoas e que se fazem presente na sala de aula.

A lei Federal 10.639, assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, veio para alterar a LDB 9394 de 1996 e estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira para o Ensino Fundamental e Médio das escolas do país. Esta lei tem como objetivos, promover a igualdade racial no ambiente escolar, valorizar a



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

contribuição dos negros para a formação da nação brasileira, combater o racismo, afirmar a importância do negro para a sociedade e eliminar estereótipos construídos com a finalidade de inferiorizar o homem negro, entre outros.

A lei é fruto de conquistas do movimento negro no Brasil e no mundo, pois as lutas de resistência e busca por direitos, travadas pelo movimento negro foi o que possibilitou pequenos avanços que vão desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, ambos dos anos 1990. Por meio destes dispositivos legais, vai dar-se início a manifestação de um ensino menos excludente e mais democrático, que serve de base, não só para a Lei 10.639/2003, mas também para outras políticas públicas de ações afirmativas na busca pela igualdade racial na educação.

O Parecer do CNE/CP 03/2004 que atendeu às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas, bem como a Resolução CNE/CP 01/2004, que vai delinear os direitos e as obrigações dos Estados, Município e Distrito Federal para a implementação da referida lei, fazem parte de um conjunto de aparatos legais, que atende a uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e consolidação de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desde os anos 2000 e que vai ganhando força com o passar dos anos.

É importante, porém, lembrar que o período que compreende a aprovação da lei 10.639/2003 e sua aplicação na rede básica de ensino, deveria ter maior destaque entre as escolas, pois nota-se por meio das respostas dadas pelos alunos no questionário, que mesmo a lei sendo obrigatória, existe uma falha na sua aplicação, que vai desde a pouca abordagem da temática africana e afro-brasileira no cotidiano escolar a pouca discussão de temas como preconceito e racismo, o que denota que a mesma por muitas vezes passa despercebida ante a prática educativa. A aplicação da lei compreende uma luta por direitos iguais, pela valorização do negro e superação do racismo, não somente no ambiente escolar, pois estas questões perpassam os muros da escola, mais para toda a sociedade.

Entendemos assim como Silva (2007), que o processo desencadeado de ensinar e aprender em meio às relações étnico-raciais no Brasil, tem encontrado dificuldades para se



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

afirmar, pois embora as políticas de ações afirmativas sejam obrigatórias ainda é possível perceber o tamanho do desafio imposto pelas mesmas, uma vez que para a sua aplicação é necessária a colaboração e participação de todos os níveis de ensino. Embora se acredite que as questões étnico-raciais devam ser abordadas somente no âmbito escolar, temos que ter em mente o processo de formar os cidadãos para modificar o quadro da nossa sociedade, que é pautada, em sua maioria, por preconceito e discriminação contra os negros, indígenas e outras minorias étnicas.

Diante das perspectivas apresentadas sobre as relações étnico-raciais, até o presente momento, analisaremos no tópico abaixo algumas questões respondidas pelos alunos, na expectativa de que ao dar voz a esses alunos poderemos entender do ponto de vista desses como se dão as relações étnico-raciais na sala de aula. A seguir, traremos dos encaminhamentos metodológicos e o contexto no qual a pesquisa foi realizada.

4. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO E CONTEXTO DE PESQUISA

O objetivo da pesquisa de campo do tipo explicativa neste trabalho, subsidia por meio de dados quantitativos, gerar dados qualitativos para fornecer respostas subjetivas, a fim de realizar interpretações que foram baseadas na voz dos alunos. Para Gil (2008) temos os dados garantidos pela pesquisa quantitativa e as análises, geradas pela pesquisa qualitativa. A pesquisa explicativa consiste em identificar as razões que são determinantes ou que colaboram para o acontecimento de certos acontecimentos. Esta pode ser definida como um tipo de pesquisa demanda conhecimento da realidade, porque explica a razão, o motivo das coisas.

Em um primeiro momento houve a qualificação dos pesquisadores que compunham a equipe do Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC, esta consistiu em oficinas que detalham noções básicas dos conceitos que estarão a todo momento ligados à pesquisa, como o racismo, discriminação racial, preconceito, dentre outros, bem como noções sobre pesquisa, com destaque para a relação e interação com o sujeito da pesquisa, pesquisas quantitativas e qualitativas, coleta de dados, noções de



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

estatísticas, e outros. Após os pesquisadores já estarem aptos a realizar a pesquisa foram formadas as equipes de trabalho que foram direcionadas para irem a campo realizar junto aos alunos do Ensino Fundamental II das escolas de Rio Branco o levantamento de diversos dados relacionados à educação étnico-racial.

A fim de gerar dados que sejam eficientes em suas análises, todas as escolas que têm o Ensino Fundamental II, que compreende 26 escolas, o que possibilitou também a coleta os mais variados dados possíveis e de sujeitos em diferentes condições. Por meio da abordagem quantitativa, os dados foram coletados através de entrevistas, direcionadas por um questionário previamente elaborado pelo ODR/AC. Terminada a fase de coleta de dados nas escolas, estes dados foram registrados e sistematizados digitalmente, dentro de um banco de dados do ODR/AC, que tem por finalidade registrar informações e pesquisas sobre a temática.

Dialogando com as questões étnico-raciais nas Escolas do Ensino Fundamental II de Rio Branco: nas vozes dos alunos pretende analisar através da respostas de 323 alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental II que responderam aos questionários da equipe de pesquisa do ODR/AC, como se dão as relações étnico-raciais na sala de aula a partir da relação professor/aluno, aluno/aluno, aluno/escola e se a mesma está sendo trabalhada de forma satisfatória a fim de promover a igualdade racial e combate ao racismo.

Com base nas informações dos alunos do ensino Fundamental II das Escolas de Rio Branco, Acre, disponíveis no banco digital foi realizado o cruzamento de dados e montado gráficos a fim de dar voz aos alunos entrevistados e responder as questões levantadas durante o desenvolver deste trabalho ao mesmo tempo que dialoga com as referência bibliográficas selecionadas para este fim.

A seguir, traremos das relações étnico-raciais em sala de aula: percepções a partir dos questionários.

5. AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SALA DE AULA: PERCEPÇÕES A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS

5.1. QUEM SÃO OS ALUNOS

Para entender como a educação étnico-racial se dá no ambiente escolar por meio dos alunos, é importante que os mesmos tenham oportunidades de expressar sua opinião sobre como a referida educação está ou não sendo implantada. Doravante, dentre os objetivos específicos buscaremos identificar quem são esses alunos.

Para compreender quem são os 326 alunos, recorreremos aos dados quantitativos expressos abaixo nas tabelas I, II e III, e em algumas respostas selecionadas a partir da sua maior aproximação com os objetivos propostos, resultado dos questionários coletados nas 26 escolas de Ensino Fundamental II de Rio Branco. Para discutir esses dados recorreremos à abordagem qualitativa a fim realizar a análise subjetiva, do que essas respostas podem expressar. Nas tabelas os alunos são identificados por sua cor, sendo que 196 alunos, 61 % se declararam pardos; 58 alunos, 18% se declararam brancos e 26 alunos, 8 % se declararam pretos.

Nesta subseção trazemos a tabela I, com a idade dos alunos e a cor. Dentre os alunos que responderam aos questionários 86 % tem a idade entre 10 e 15 anos, 13 % tem idade entre 8 e 10 anos e apenas 1% têm idade entre 16 e 20 anos.

Tabela I: Idade e Cor dos 326 alunos

	Amarela	Branca	Parda	Preta	Indígena	Não Resp.	Não Iden.	Outros
Entre 8 e 10 anos	2	10	21	3	0	1	1	1
Entre 15 e 20 anos	0	1	0	0	0	0	7	0
Entre 16 e 20 anos	0	0	3	0	0	0	0	0
Entre 10 e 15 anos	17	47	172	23	6	2	0	6
Não respondeu	0	0	0	0	0	0	0	0

FONTE: Observatório de discriminação racial do estado do Acre - ODR/AC, 2017.

A tabela apresentada nos faz questionar sobre a cor de quem fala e idade, pois sabe-se que quem mais sofre preconceito, discriminação, racismo e outros é a população negra, sobretudo negros entre 15 e 20 anos. Outro fator importante que pode ser obtido a partir desta tabela é a sugestão do lugar de fala, pois é muito mais comum uma pessoa negra sofrer por seu fenótipo do que uma pessoa branca, logo uma pessoa negra e que já sofreu algum tipo de discriminação tem mais propriedade para falar da sua causa. Entender quem são estes alunos, faz parte de um processo que se estende ao longo das respostas dadas por eles.

5.2. A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: VOZES DOS ALUNOS

Nesta subseção intentamos responder a segunda pergunta de pesquisa: como se dá a educação para as relações étnico-raciais por meio do reconhecimento das vozes dos alunos. A tabela II, onde os alunos responderam se os mesmos sabem o que é racismo, preconceito e discriminação, bem como algumas perguntas básicas do questionário que fundamentam a questão apresentada na tabela.

Tabela II: Quando perguntado se o aluno sabe o que é racismo/preconceito/discriminação?

Cor	Amarela	Branca	Parda	Preta	Não identificada	Indígena	Não respondeu	Outros
Não	1	5	16	3	2	0	2	1
Não Respondeu	0	0	0	0	0	0	0	0
Sim	18	53	180	23	6	6	1	6

FONTE: Observatório de discriminação racial do estado do Acre - ODR/AC, 2017.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

A tabela apresentada aponta que a maioria dos alunos sabem o significado do racismo, do preconceito e da discriminação, conceitos estes que o currículo escolar contempla e isto é de fundamental importância para o diálogo das questões étnicas.

Cavalleiro (2001), discute que a escola é uma das principais responsáveis por ensinar aos alunos, uma educação que o prepara para dialogar com as questões da sociedade em geral. Desta maneira é importante que os alunos aprendam, sobre o respeito às outras culturas, à diversidade, os conceitos que nos cercam e a história que constitui cada saber, para dialogar de forma positiva e não negativa, com as temáticas étnico-raciais. Muitos alunos entendem estes conceitos, por serem trabalhados na escolas, por seus professores, o que foi percebido no questionário, quando perguntado ao aluno se este já teve aulas sobre essas temáticas, e 217 responderam que sim.

O problema está no que Gomes (2005) aponta, quando destaca que muitos educadores pensam que não é tarefa sua ensinar as relações raciais no ambiente escolar, estes acreditam ser tarefa de outros, como por exemplo políticos, sociólogos e antropólogos. Estes educadores deixam de ensinar aos alunos, conceitos básicos que permeiam a magnitude das relações étnico-raciais, como o que é o preconceito, o que é a discriminação e o que é o racismo, e reflete que na mesma pergunta sobre ter aulas com essas temáticas, 102 alunos responderam que não. Quando trazemos as respostas destes alunos, sobre conhecer conceitos, saber o que estes têm aprendido, compreendemos a voz dos alunos dialogando com as questões étnico-raciais.

5.3. ALGUNS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A MANUTENÇÃO DO RACISMO EM SALA DE AULA

Segundo Gomes (2005, p.146), “não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano”, e é neste acontecer humano que estão as possibilidades de aprendermos a fazer diferente. Portanto nesta subseção trazemos para responder a terceira pergunta de pesquisa, como vemos na tabela III, onde foi perguntado aos alunos se eles se consideram



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

peças racistas, e assim respondemos, que fatores que contribuem para a manutenção do racismo em sala de aula? Devemos pensar nesse sentido, a compreensão que os alunos têm acerca dos conceitos que permeiam as relações étnicas e refletir se essas não estão presentes em suas ações.

Tabela III: Quando perguntado se o aluno se considera uma pessoa racista?

	Amarela	Branca	Parda	Preta	Não Iden.	Indígena	Não Resp.	Outros
Sim	2	3	9	0	0	0	0	0
Não	17	53	180	25	8	6	2	7
Não respondeu	0	2	7	1	0	0	1	0

FONTE: Observatório de discriminação racial do estado do Acre - ODR/AC, 2017.

A tabela apresentada aponta uma realidade falada pelos alunos em suas respostas, pois percebemos que poucos se consideram pessoas racistas, todavia, é preciso levantarmos outras hipóteses acerca das respostas. Munanga (2005), reflete que o que entendemos sobre África e sua contribuição para a história do homem, é o resultado da influência europeia sobre a nossa sociedade o que contribui para reforçar a existência do racismo mesmo que ele seja negado. Essas influências podem ser percebidas através das respostas, do currículo escolar e outros, que acabam por gerar estereótipos a respeito dos negros e a continuação do racismo, não só no ambiente escolar, mas também fora da escola.

A partir desses alunos, temos também as seguintes informações. Quando perguntado se estes já tiveram aula sobre alguns dos termos citados, 244 responderam que sim, 75 não, e 4 não responderam. Quando perguntado se estes alunos já presenciaram alguma manifestação de preconceito ou discriminação na sala de aula, 217 responderam que sim, 102 não e 4 não responderam. Quando perguntado se houve alguma intervenção por parte da coordenação/professor mediante a situação? 197 responderam que não, 101 sim e 25 não responderam.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

Quando analisamos as respostas dos alunos, podemos perceber uma diversidade étnica dentro dos ambientes escolares, ressaltando porém que a maioria dos alunos que responderam ao questionário, ou seja, 61% se declararam pardos o que se somados aos alunos que se declaram pretos, esse valor resume 69% de negros. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, desde 1872 usa preto e pardo como classificação de cor ou raça nas pesquisas de censo demográfico e somam essas duas cores para definir a população negra do Brasil, neste sentido compreendemos que a maioria dos alunos aqui representados são negros.

É possível perceber que os alunos compreendem o que é o preconceito, discriminação e o racismo, e esta informação reflete diretamente quando 217 deles responderam que na sala de aula presenciaram essas, manifestações. Percebemos desta maneira que o racismo é reconhecido pelos alunos e que ainda está presente no ambiente escolar e que este precisa ser combatido, uma vez que o racismo não afeta somente quem sofre, mas a todos os alunos direta ou indiretamente. Sua prática pode ocasionar confrontos e segregação entre os alunos.

Quando perguntado sobre a intervenção da gestão ou professores em situações de discriminação e preconceito, 197 dos 326 responderam que não houve e 101 responderam que houve. Quando a coordenação ou professor (a) da escola, não procuram uma solução para a problemática enfrentada e acabam assim, por reforçar os estereótipos e preconceitos praticados na sala de aula entre os alunos.

Cavalleiro (2001), concorda que se olharmos para o cotidiano escolar de forma superficial, a compreensão que se tem a respeito deste, na maioria das vezes está pautado na crença de uma relação harmoniosa, entre gestão e comunidade escolar, negros e brancos, sem qualquer divisão entre estes, porém quando voltamos um olhar mais atento esse aspecto, compreendido como positivo, torna-se discordante à medida que este ambiente não fomenta ações educacionais e recursos como cartazes, livros, fotos entre outros que expressam e reconhece os negros na sociedade brasileira. Quando o aluno não se sente valorizado, representado e principalmente respeitado, este tende a acreditar na sua inferioridade quanto pessoa. Percebemos que os alunos têm uma educação racial, no ambiente escolar, muito



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

embora não seja tão efetiva, quanto deve ser, pela omissão de parte dos educadores em promover essa educação.

A partir dessas reflexões entendemos que fatores que contribuem para a manutenção do racismo em sala de aula estão presentes na relação alunos-professores-gestão, uma vez que estes são os responsáveis por propagar a educação étnico-racial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intentamos, a partir das respostas das questões acima percorridas, quem são os alunos, onde por meio de todas as respostas dadas ao longo da análise, estes foram sendo reconhecidos por cor, idade, opinião, objetivo, compreensão; a educação para as relações étnico-raciais: vozes dos alunos, foi o momento no qual os alunos puderam expressar algumas das suas compreensões acerca de como se dá a relação étnico-racial no ambiente escolar; alguns fatores que contribuem para a manutenção do racismo em sala de aula, onde demonstrou que um dos grandes fatores para a manutenção do racismo no ambiente escolar, está na sua maioria pela não importância que os professores tem em dialogar com alunos, sobre o assunto.

Ao estabelecer pontos de contato entre os alunos e educação das relações étnico-raciais, pretende-se evidenciar como estas relações se manifestam no ambiente escolar, bem como reforçar a importância da escola ser um espaço de possibilidades para que se iniciem as mudanças que se quer refletidas na sociedade por meio de um modelo de gestão educacional que, emprega as leis de reparação ou equiparação para negros, indígenas e outras minorias étnicas, enquanto prática contínua e assim se tornar um importante passo em direção à transformação da realidade e da mudança do quadro de exclusão racial que assola as escolas da educação básica.

Quando a escola já realiza a prática da educação étnico-racial é importante que continue no mesmo caminho, se não está é preciso que haja uma mudança na postura escolar, para que a mesma possa uma educação que abranja a todos, contemplando as políticas de ações afirmativas como a lei 10.639/2003 que trata da do ensino da história e cultura africana



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

e afro-brasileira, que tem por meta corrigir as desigualdades históricas que os negros sofrem, quando apresenta a importância e contribuição destes sujeitos para a formação do Brasil.

Uma vez que foi nas Escolas públicas de Ensino Fundamental II da cidade de Rio Branco, que realizamos nossa pesquisa discutimos a educação dos alunos vista dessas, porém muitas práticas escolares que perpetuam as desigualdades, preconceito e discriminação, partem das escolas em geral, pois vivemos em uma sociedade historicamente racista. Devemos destacar no entanto que a escola não é o único meio que tende por perpetuar o racismo, todavia, a escola é um espaço de promoção da igualdade racial, necessária para a formação de indivíduos não racistas. A educação que temos hoje, reflete no cidadão que seremos amanhã.

Apontamos, a partir das discussões trazidas nesse trabalho, as repostas das perguntas de pesquisa proposta que são quem são os alunos; a educação para as relações étnico-raciais: vozes dos alunos; alguns fatores que contribuem para a manutenção do racismo em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

CAVALEIRO. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001b, p. 141 -160.

FREYRE, Gilberto. **“Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”**. São Paulo: Global, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. – Brasília :Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

_____, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In. MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.145 a 156.

MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Beatriz Gonçalves e Silva Petronilha. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.